

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

OLHAR PSICANALÍTICO PARA O TRANSTORNO DE PÂNICO: EXPRESSÃO DE ANGÚSTIA E EVIDÊNCIA DO DESAMPARO

Amanda da Rocha Camargo (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Marco Antônio Rotta Teixeira (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: amanda.rochac97@gmail.com

Palavras-chave: Psicanálise. Neurose de angústia. Transtorno de pânico. Desamparo.

As transformações psicossociais, que ocorreram na contemporaneidade, trouxeram como resultado, um aumento de diagnóstico de transtorno do pânico e vem chamando a atenção de vários setores estudiosos do assunto. Dessa forma, nossa pesquisa de iniciação científica, surgiu com o intuito de compreender sobre essa temática tão discutida nos dias de hoje, que é o Transtorno de pânico. Assim definiu-se o objetivo geral da pesquisa que é: compreender a etiologia do Transtorno de Pânico para a psicanálise e suas contribuições clínicas para o tratamento. Quanto à metodologia utilizada, a pesquisa baseia-se em levantamento bibliográfico e análise textual e conceitual, com embasamento teórico em psicanálise. Durante a elaboração do presente projeto, nos aprofundamos nos estudos sobre o conceito de angústia, e de modo particular, na relação da neurose de angústia com o transtorno de pânico, além de investigarmos sobre suas causas na contemporaneidade, e ao final procuramos demonstrar a contribuição da clínica psicanalítica para o tratamento.

Conhecer sobre o conceito de angústia é fundamental para compreender as psicopatologias atuais. Sendo um elemento constituinte e estruturante da existência humana, a angústia se manifesta nos registros que estruturam o sujeito humano, ou seja, nos registros do corpo, da alma e do espírito. Para Freud as situações que se encontram nas origens da angústia são: a situação traumática, cujo modelo, por excelência, é a situação de desamparo, fonte protótipa de toda angústia que acompanha o sujeito pelo resto da vida, e, a situação de perigo, que pode ser externo ou interno, e que o ego busca controlar. (ROCHA, 2000)

O termo “ataque de pânico” passa a ter importância para a constituição das concepções contemporâneas sobre a angústia com a introdução da categoria psiquiátrica de “transtorno de pânico”, em 1980. Os sintomas da neurose de angústia, descritos por Freud em 1895, se assemelham com os sintomas de uma doença, diagnosticada pela psiquiatria americana como “transtorno de pânico”. Em ambos os casos, se confere um estatuto psicopatológico central

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

aos ataques repentinos e inexplicáveis da mais intensa angústia. Esta sintomatologia comum pode ser resumida em: crises súbitas de ansiedade aparentemente inexplicáveis, como sensação de morte imediata, medo de ficar louco, de perder o controle de si, acompanhados de sintomas físicos intensos e assustadores, como taquicardia, falta de ar, sufocação, opressão torácica, tremores, vertigens. (PEREIRA, 1997, 1999)

Conforme Rocha (2000), na neurose de angústia, o que caracteriza os ataques de angústia é a tensão sexual muito intensa que eles possuem sem contar com uma elaboração psíquica adequada. Dessa forma, surge a urgência de liga-los a uma rede representacional qualquer para que se tornem menos inquietantes. Segundo Pereira (1997), algo semelhante aconteceria com as pessoas que sofrem o ataque de pânico. O transtorno do pânico pode demonstrar uma tentativa desesperada para representar de algum modo a inominável angústia do desamparo na sua forma extrema que é a angústia da morte e do nada. De acordo com Pereira (1999), o pânico pode instalar-se como consequência da decadência de algo que garantia imaginariamente a estabilidade do mundo. Assim sendo, ele se origina da confrontação do indivíduo com a possibilidade do perigo, sem contar com nenhum outro tipo de proteção transcendente.

A noção de desamparo é de extrema importância para o desenvolvimento da teoria freudiana dos estados afetivos nos quais a angústia ultrapassa todo limite. Para Freud, o desamparo tem o estatuto de uma verdadeira categoria metapsicológica que diz respeito ao horizonte fundamental de falta de garantias para o funcionamento do aparelho psíquico, ao passo que este não é capaz de proporcionar uma apreensão simbólica definitiva para questões decisivas como as da própria morte, do destino, do investimento sexual do corpo e, também, do próprio sujeito como ser desejante. Assim sendo, o desamparo corresponderia à dimensão da fragilidade da linguagem, posto que esta nunca consegue fornecer, definitivamente, as bases estáveis de um mundo simbolicamente organizado. O ponto de partida para o sofrimento do sujeito acometido por crises de pânico, é o encontro súbito com a dimensão de falta de garantias ante o possível. (PEREIRA, 1999)

Segundo Pereira (1999), os ataques de pânico tem uma dupla dimensão. Uma refere-se à vivência renovada da situação traumática de abandono e de exposição aos terrores do mundo, comportando a tentativa de se obter um certo domínio sobre o traumatismo por meio de sua repetição. A segunda dimensão é a da “assimilação do sintoma no eu”. Conforme Pereira (1999), na perspectiva clínica, este aspecto mostra-se na tendência do sujeito em

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

desenvolver um comportamento dependente e agorafóbico devido aos ataques de pânico. Portanto, o desamparo que deveria permanecer circunscrito ao plano da linguagem, é vivido concretamente no próprio corpo e como terror ante a dimensão do possível.

De acordo com Santos (2009), para além da classificação médica do DSM V, é preciso levar em consideração o momento da sociedade atual, as mudanças que se iniciaram com o advento da sociedade moderna, a qual imerge em um individualismo crescente que possibilita o desamparo. Conforme Birman (2001), a fragmentação da subjetividade ocupa posição fundamental no ocidente, servindo de matéria prima para a constituição de novas subjetividades, que tem o narcisismo como expressão dominante. Nessas modalidades de subjetivação o eu assume posição privilegiada. A “cultura do narcisismo” e a “sociedade do espetáculo” enfatizam a exterioridade e o autocentramento. O que interessa para o sujeito é a própria imagem, assumindo um lugar exibicionista em que não há mais espaço para as trocas intersubjetivas.

As subjetividades contemporâneas caracterizam-se pelo apagamento da alteridade, em que a tendência é uma redução do homem à dimensão da imagem. Dessa forma, conforme Menezes (2005), as relações sociais são regidas pelo imaginário, constituindo-se uma subjetividade em que há o deslocamento da ordem paterna como referencial central. Com efeito, ocorre uma fragilização dos vínculos sociais, dos laços mútuos e da constituição e permanência dos grupos. No sujeito contemporâneo o padecimento é efeitos das subjetividades que tiveram de tecer laços sociais horizontais, confrontando-se, na relação com o outro, com o desamparo e o mal-estar.

De acordo com Menezes (2005), o mal-estar contemporâneo é efeito da desregulamentação e do excesso de liberdade individual, é resultante do excesso pulsional e da fragilidade de simbolização. Dessa forma, tem uma marca essencialmente traumática, o que aponta a vulnerabilidade psíquica do homem contemporâneo, destacando-se o pânico entre as formas atuais de sofrimento humano.

As condições atuais do mal-estar na civilização referem-se ao vazio existencial provocado pela destruição da narrativa. O desamparo do sujeito tornou-se agudo, e o pânico irrompe quando o sujeito se depara com o abismo terrorífico da experiência do vazio. Na atualidade, o pânico seria expressão de um modo que o indivíduo encontrou de se organizar na sociedade contemporânea, respondendo aos subsídios que a atual organização social oferece para que ele se sustente para além da cena familiar. O pânico expressa o descompasso

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

entre as exigências do tipo psicológico ideal atual, da exaltação desmesurada do eu e da estetização da existência, e a incapacidade de se cumprir essas exigências, portanto é um efeito de um processo de produção social, expressão do mal-estar na contemporaneidade. (MENEZES, 2005)

Birman (2004) formula que o mal-estar contemporâneo se inscreve em três registros psíquicos: do corpo, da ação e do sentimento. Para o autor, é o excesso que está no fundamento do mal-estar contemporâneo. Dessa forma, o psiquismo procura dele se livrar através da ação, para não correr o risco de ficar paralisado pela angústia. Se essa não for descarregada pela ação, o psiquismo tende a se livrar dela pelas vias corpóreas. Com efeito, o pânico é resultante no corpo da incidência do excesso, quando esse não é descarregado pela ação.

A experiência da clínica psicanalítica revela que é nitidamente localizável no indivíduo acometido por ataques de pânico o pedido de intervenção de alguém para tranquilizar e, de certo modo, limitar o crescimento pulsional. De acordo com Pereira (1999), o sujeito tende a estruturar a situação transferencial de modo bastante específico, segundo esta característica. Explicitamente, ele pede um alívio ao analista e a proteção mais concreta possível.

No entanto, sabe-se que apesar de haver no pânico um olhar do Outro, numa espécie de pantomina do desamparo, o próprio indivíduo parece dele elidido, como ocorre na inibição. Entretanto, é possível tomar o pânico como um sintoma, para além de sua dimensão médica de signo, signo de algo que vai mal. Desta forma, perante alguém tomado pelo pânico, é possível oferecer um sentido para acalmar a angústia e o excesso. “Essa é a aposta da psicanálise: diante do que escapa à palavra, reafirmar sua proposta de trabalho pela via da fala, no campo da linguagem”. (BESSET, 2000, p. 23)

O Transtorno de pânico exige um quadro analítico muito flexível e sempre em mutação. Observa-se que no início o sujeito não percebe qualquer implicação de sua subjetividade no surgimento dos sintomas, ele apenas busca alívio, apoio e cura. Por isso é necessário um longo período de “manejo analítico” para ajudar a despertar no indivíduo uma intuição de que ele tem algo a ver com o que está padecendo e que isso pode ter algum sentido que poderá ser elucidado por meio de sua fala dirigida ao analista. (PEREIRA, 1999)

Conclui-se que o tratamento pela palavra, com indivíduos que sofrem de pânico, segundo Pereira (1999), fundamenta-se em três dimensões principais: encontro do sujeito com

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

um gozo até então desconhecido e irreduzível a uma tradução completa pela palavra; produção, na transferência, das determinações históricas e simbólicas desse sintoma através de uma enunciação que possa ser reconhecida pelo sujeito como portadora de uma verdade pessoal; e construção de uma narrativa aberta que inscreva o sujeito, seu desejo e seu sintoma em um contexto significativo, transformável, que permita um trabalho constante de auto-significação, sem cristalizar-se em nenhuma de suas formulações parciais, as quais devem manter o caráter de construções provisórias.

Esta pesquisa contribuiu para ampliar o debate do Transtorno de pânico para além das concepções biologizantes e empíricas da psiquiatria contemporânea e definir um campo próprio à psicanálise, rompendo com o discurso ideológico que desimplica o sujeito em seu sofrimento. Buscamos situar a metapsicologia do pânico a partir da noção de desamparo no discurso freudiano e procuramos exemplificar como a sociedade atual contribui para o aumento da incidência de casos de Transtorno de Pânico.

Referências

BESSET, Vera Lopes. **Sobre a fobia e o pânico: o que pode um analista?** 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v4n1/1415-4714-rlpf-4-1-0019.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

BIRMAN, Joel. Excesso e ruptura de sentido na subjetividade hipermoderna. **Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 17, p.175-195, 2004.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade:** a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001.

MENEZES, Lucianne Sant'anna de. Pânico e desamparo na atualidade. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, [s.l.], v. 8, n. 2, p.193-202, dez. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-14982005000200003>.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. **Pânico – contribuição à psicopatologia dos ataques de pânico.** : São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. **Pânico e desamparo.** São Paulo: Escuta, 1999.

ROCHA, Zeferino. **Os destinos da angústia na psicanálise freudiana.** São Paulo: Escuta, 2000.

SANTOS, L. O. (2009). **Transtornos de pânico: sua aparição na sociedade do risco.** São Paulo: Casa do Psicólogo.